

Comunicação e desenvolvimento local: folk-ativismo nos movimentos sociais

Severino Alves de Lucena¹

Juliana Freire Bezerra²

Maria do Carmo Amorim³

RESUMO

O presente trabalho pretendeu realizar um resgate histórico acerca do protagonismo social desempenhado pelo Cônego baiano Hildon Bandeira (1913-1984) como estrategista e animador de uma mobilização comunitária acontecida no bairro da Torre, em João Pessoa-PB, de 1970 a 1984, ano em que o religioso faleceu. Hildon Bandeira foi pioneiro ao articular poder público, imprensa, universidade, paroquianos, mecenas e moradores da localidade- a qual recebeu seu nome em homenagem- configurando um mutirão social na luta por trazer condições dignas de vida àquela população. O intuito da pesquisa foi verificar como o Cônego atuou na comunidade Padre Hildon Bandeira, enquanto folk-ativista, na promoção do desenvolvimento econômico e social endógeno e contribuiu para a construção do nível de organização e participação política presentes atualmente na localidade.

PALAVRAS-CHAVE

Folk-ativismo - Movimentos sociais - Desenvolvimento local.

Communication and local development: folk-ativismo in the social movements

ABSTRACT

This study sought to conduct a historical ransom about the social role played by the Bahia Canon Hildon Flag (1913-1984) as a strategy and a cheery at a community located in the district named Torre, in João Pessoa-PB. From 1970 to 1984, the year that the religious died, Hildon Flag pressured the government, press, university, parishioners, patrons and local residents-which received its name in honor of a social-setting task force in the fight for bringing decent living conditions to that population. The purpose of the research was to determine how the Canon served in the community Padre Hildon Flag as folk-activist in promoting endogenous economic and social development and contributed to the construction of the level of organization and political participation currently present in that local.

KEYWORDS

Folk-activism - Social movements - Local development.

¹Pós-doutor pelo Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aviero-Portugal, professor associado da Universidade Federal da Paraíba e do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) da UFRPE.

²Mestranda do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) pela UFRPE; jornalista e membro do Grupo de Pesquisa Folkcomunicação e Discursos Organizacionais da UFPB.

³ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Extensão Rural e Desenvolvimento Local (Posmex) pela UFRPE; tecnóloga em Agroecologia

Introdução

O ativismo cultural e político nos contextos populares foi algo realçado pelo pai fundador da teoria da folkcomunicação, Luiz Beltrão, já nos seus primeiros estudos, datados da década 60 do século passado. Isto em virtude da perspectiva teórica da comunicação adotada que privilegia a audiência como lugar onde acontecem as apropriações, negociações, imbricações entre o tradicional e o moderno, o local e o exógeno, o privado e o público, o popular e a mídia. Estudar quem ocupava as brechas dessas intermediações nos contextos populares, portanto, era fundamental para a fomentação da Teoria.

No contexto contemporâneo, contudo, tais espaços vazios parecem não existir com o acesso facilitado às tecnologias da informação e comunicação, e o fenômeno da globalização que une, encurta, acelera tempo, espaço e imbricações culturais. Apesar disso, o folk-ativista percebido por Beltrão, embora atualmente situado num contexto social diferente de cinco décadas atrás, adaptou-se aos contextos sociais em voga, reformulando suas funções, sem perder, a essência que lhe caracteriza enquanto tal: a de sujeito que se destaca no seu grupo de referência, animando a coletividade social, manifestando suas opiniões, guiando as mobilizações, articulando forças exógenas e comunitárias e negociando os conteúdos produzidos por ambas.

Neste estudo procuramos mapear, dessa forma, como a função desempenhada por esse agente folkcomunicacional vem se desdobrando desde os estudos pioneiros de Beltrão até os dias atuais, em que as situações macro e micro estruturais não são mais as mesmas.

Para tanto, selecionamos como exemplificação dessas funções o Cônego baiano Hildon Bandeira, que atuou, dos anos 1970 a 1984, numa comunidade homônima, no bairro da Torre, em João Pessoa-PB, promovendo a articulação de forças entre poder público, imprensa, mecenas, paroquianos e população local com vistas ao desenvolvimento econômico, político, social comunitário.

O religioso foi o primeiro folk-ativista a buscar condições de vida à comunidade Padre Hildon Bandeira, que era desprovida de qualquer infraestrutura e ocupada inicialmente por vinte desabrigados advindos de áreas de risco da Barreira do Cabo Branco. Esta se situa no extremo leste da Capital paraibana e vem sendo deteriorada pelo avanço do mar nas últimas décadas. Empreender como o Cônego atuou, enquanto animador de uma mobilização social, na luta

contra privações enfrentadas coletivamente pela comunidade Padre Hildon Bandeira foi o cerne deste estudo.

Para avaliar esse processo, dividimos o trabalho em seis tópicos: “Folkcomunicação: expressão das culturas populares”, “Ativista-Folk: de Beltrão à contemporaneidade”, “Movimentos Sociais e Desenvolvimento Local”, “Cônego Hildon Bandeira: um ativista folk em busca do desenvolvimento local”, “Como o Cônego atuou enquanto mediador do global e do local?”, e, por fim, chegamos à etapa de conclusão do trabalho, onde avaliamos como a coleta de dados se relaciona com o aporte teórico que construímos neste estudo.

Utilizamos para a feitura da pesquisa uma metodologia de cunho qualitativo, a sociologia compreensiva, que permite relacionar os múltiplos fatores- sociais, econômicos, políticos, culturais- que compõem uma realidade. Acreditamos que esse caminho metodológico nos possibilitou responder até que ponto e como o agente folkmediático Cônego Hildon Bandeira atuou para promover os princípios do desenvolvimento local na comunidade homônima, ao articular instâncias públicas e sociais ao contexto analisado, fomentando a educação cidadã e os sentimentos comunitários como instrumentos de influência no poder.

Para tanto, nosso estudo foi alicerçado na técnica da história oral de vida, de entrevistas semiestruturadas, de análise de discurso, já que nossa pretensão foi realizar um resgate histórico, a partir dos depoimentos dos moradores da comunidade e dos documentos que encontramos referentes à época em que o Cônego atuou na comunidade.

Folkcomunicação: expressão das culturas populares

Os estudos sobre a folkcomunicação começaram a ser desenvolvidos na década de 60 do século passado, a partir da tese de doutorado realizada pelo pesquisador, professor e jornalista pernambucano Luiz Beltrão sobre os ex-votos religiosos como forma de comunicação popular, publicada em 1965 na Revista Comunicação & Problemas. O pesquisador considerava comunicação não apenas os conteúdos transmitidos pela mídia, mas também os que se construía na rede de relações cotidianas. Além disso, indo na contramão das pesquisas em comunicação em voga no país, Beltrão debruçou-se a analisar, dentre outros fatores, não o que a mídia fazia com a sua audiência, mas o que esta fazia com aquela.

Dessa maneira, Beltrão não negava a influência dos meios de comunicação, contudo, realçava que a comunicação se efetivava nos desdobramentos que causava na rede de relações cotidianas, na folkcomunicação. Era nesta etapa, a da comunicação popular, que fazia sentido analisar a mídia, segundo o teórico.

O pesquisador partiu da observação de que a audiência por não ser homogênea e passiva recebia os conteúdos midiáticos de maneiras diversas, reelaborando-os, adequando-os, ressignificando-os de acordo com o imaginário social de cada localidade. Ou seja, Beltrão constatou que a realidade brasileira, com seus conflitos de classe, propiciava uma gama plural de reações das camadas populares, as quais possuem repertórios, modos de entender e estar no mundo próprios, quando em contato com os conteúdos midiáticos- estes produzidos pelas elites econômicas e políticas nacionais. Assim, justamente por serem produzidos e consumidos por pessoas pertencentes a classes sociais distintas, e, por conseguinte, possuidoras de maneiras culturais diversas de se comunicar, expressar, relacionar, pensar; os conteúdos midiáticos sofrem apropriações, resistências, reelaborações, quando em relação com o popular.

Tais conteúdos midiáticos foram compreendidos neste estudo como as informações que vinham de fora da comunidade e lhe chegavam através dos meios de comunicação social ou as que eram provenientes das camadas populares mais adaptados às linguagens da mídia e veiculados por esta. Interessante ressaltar, contudo, que o que vem de fora nem sempre chega através das ferramentas tecnológicas. Isso é exemplificado de forma mais clara à época em que Beltrão iniciou os estudos da folkcomunicação, quando muito do conteúdo sobre o que acontecia para além dos contextos populares era repassado oralmente.

O pesquisador observou que mesmo nas localidades mais alheias às tecnologias da informação e comunicação, as suas populações continuavam informadas. Isso porque existiam pessoas nas comunidades, como os viajantes, jornalistas matutos, representantes comerciais, que transitavam entre a localidade e o exógeno a ela e que, por isso, se articulavam de maneira mais habilidosa com a novidade do “não-local” realizando o papel de decodificador desses conteúdos, ao adaptá-los a seus grupos de referência para melhor assimilação das informações.

Os agentes folkcomunicacionais como Beltrão os chamou tinham, portanto, a função de transmissores das informações que vinham de fora para a localidade da qual pertenciam, bem como a de adequar os conteúdos populares para serem consumidos fora da comunidade. Eram,

portanto, a ponte entre a comunidade e o seu externo: o poder público, a mídia, as demais localidades, os costumes “estrangeiros” numa perspectiva bem similar da função desempenhada pelo líder de opinião da pesquisa funcionalista da comunicação desenvolvida em duas etapas por Paul Lazarsfeld. Beltrão, contudo, percebeu que o processo da folkcomunicação era mais amplo e complexo, abrigando uma série de agentes intermediários locais que “atuam nos grupos primários na recepção das mensagens midiáticas recodificando para uso das suas prática cotidianas” (TRIGUEIRO, 2013, p. 696). Aquele autor compreendia que quanto maior fosse o interesse comum entre receptor e emissor, maior seria a chance de sucesso de assimilação da recepção. Os agentes da folkcomunicação, assim, eram as pessoas que se destacavam por algum motivo na comunidade facilitando esta interação emissor/receptor, mesmo que sem tal propósito definido e atuando de maneira despretensiosa e desorganizada, mas, como realça Trigueiro, nunca de maneira passiva (2008).

Com o maior acesso às tecnologias da informação e comunicação, no entanto, pelas populações em todo o mundo, como parte integrante e fundamental do fenômeno de globalização vivenciado na contemporaneidade, o conceito do agente folkcomunicacional elaborado cinco décadas atrás por Beltrão teve de ser repensado. Sobre isso, falaremos detalhadamente no tópico seguinte.

Ativista-folk: de beltrão a trigueiro

A priori, para entendermos o que é um ativista folk, vamos recorrer à distinção fundamental que Beltrão realizou entre aquele e o sujeito ativo da audiência. Considerava este pesquisador a audiência como heterogênea e ativa no processo de recepção da mensagem. Ele já criticava a teoria da agulha hipodérmica que dizia que a mensagem penetrava o receptor tal qual o remédio penetrava a pele, por meio da agulha, sem qualquer reação daquele. Beltrão considerava as reações dos receptores à mídia tão diversas quanto estes mesmos, uma vez que cada um tem um mundo particular de entendimento dentro de si e se relaciona, por sua vez, com contextos coletivos diferentes numa cidade, região, nação, globo; o que lhe confere uma postura ativa- decorrente de uma ação frente à mensagem- e ímpar- decorrente da relação que estabelece com aquela e com o contexto inserido. O ativista da folkcomunicação, por sua vez, é considerado o sujeito que, além de ativo pelas características acima citadas, é um estrategista,

militante político, animador social, “que organiza, planeja a participação dos outros nos movimentos, que se posiciona a favor ou contra determinada situação, domina diversos conhecimentos, dá primazia a ações que comportam diferentes graus de definições, é um propagador de ideias” (TRIGUEIRO, 2008, p. 47); sendo assim, toda a audiência é ativa, mas nem todos são ativistas.

Neste sentido Beltrão e Trigueiro convergem quanto uma das funções fundamentais do agente comunicador, como se, com o passar dos anos, a importância do ativismo não fosse perdida, apenas se reformulasse, como de fato aconteceu e explicaremos a partir de agora.

O desenvolvimento tecnológico das últimas décadas que vem encurtando as distâncias, desterritorializando os espaços e aumentando a velocidade com que se pode trocar informações provocam, conseqüentemente, mudanças na forma de se relacionar, comunicar, entender e estar no mundo. Esse processo a nível macro, que cria um compartilhamento cultural comum a todo o globo, através das mensagens universais selecionadas e veiculadas por meio das tecnologias da informação e comunicação é chamado de globalização. Por conta desta, o cinema hollywoodiano, a marca e grife com que se vestem as pessoas tidas como bem-sucedidas- as conhecidas internacionalmente-, a tecnologia japonesa, a banda inglesa, são de conhecimento comum às pessoas de todo o mundo e de certa maneira tornam-se a orientação hegemônica a ser seguida socialmente.

Contudo, há diferenças entre países que não permitem que esses conteúdos sejam assimilados ou apropriados da mesma forma. A nível particular, dentro das nações, há ainda camadas populares que realizam essa apropriação de forma própria, de acordo com sua conjuntura social, econômica, política, cultural, pois que são nas relações cotidianas que acontecem os conflitos, as tensões, os choques entre global e local, hegemônico e contra-hegemonico, novo e tradicional, como já dizia Beltrão.

Nesta nova perspectiva, em que até as casinhas mais simples e longínquas possuem ao menos uma televisão e/ou rádio, a função conceituada por Beltrão de agente comunicador perde o sentido, pois que não há necessidade de decodificadores do global, quando este papel é desempenhado pelos meios de comunicação. Isso porque o novo agora vem pela mídia, por um click, pelo celular.

Novas tendências acerca da função do agente comunicador começam então a ser indicadas na conjuntura contemporânea. O pesquisador paraibano Osvaldo Meira Trigueira esclarece que a tendência acadêmica no momento atual é a de não realizar distinções separatistas entre comunicação e cultura, como aconteceu outrora, pois aquelas encontram-se imbricadas de maneira tal que não dá para estudá-las de maneira binária e polarizadas. Parece que a globalização a tudo tornou interseção- economia, política, comunicação- e fator relacionado e desdobrado em cultura. Esta não apenas enquanto obra artística, mas também como expressão do estar no mundo, nas atuações operadas nas redes de relações cotidianas, no trabalho, na família, no bairro.

Entre esses estudos que imbricam comunicação e cultura, há:

os que reconhecem a importância dos agentes culturais que atuam em ações em prol de uma melhor qualidade de vida local. São mediadores ativistas que operam dispositivos de comunicação das redes de cooperações e solidariedades, entre populações de convivências próximas umas das outras, vinculadas por laços de parentescos, vizinhanças, história de vida, como alternativa de sobrevivência individual e coletiva em regiões subdesenvolvidas da ruralidade nordestina (TRIGUEIRO, 2013, p.698).

Assim, na era da intensa imbricação entre global e o local, o papel do ativista folk foi reformulado na rede de comunicação cotidiana. Sua função agora não é mais decodificar as mensagens de “fora”, mas mediar as relações entre os conteúdos hegemônicos e os populares. O agente cultural a que Trigueiro se refere realiza as hibridizações de entendimento do mundo das classes hegemônicas e populares, através de processos de ressignificação, reconversão, resistência das mensagens, adaptando o global ao local e vice-versa. Ou seja, enquanto mediador, o agente folk atualiza as interações e interesses entre o moderno e o tradicional, o hegemônico e o popular, o global e o local.

Por este viés, além disso, o agente folk comunicacional, enquanto sujeito pertencente à comunidade e mediador entre esta e o global, pode desempenhar também o papel de animador social na luta contra privações vivenciadas coletivamente, incitando princípios de democracia participativa como maneira de influir no poder com vistas à democratização social.

Um articulador de forças endógenas e exógenas que visa potencializar os recursos naturais e o capital social, configurando uma situação de anseio e esforços coletivos em nome do desenvolvimento local: este é o folk-ativista que verificamos neste trabalho. Adiante relacionaremos este conceito com o papel desempenhado pelo Cônego Hildon Bandeira na comunidade homônima numa operação de luta contra privações sociais enfrentadas por uma população carente da capital paraibana, mas antes vamos falar brevemente sobre lutas sociais e desenvolvimento local.

Movimentos sociais e desenvolvimento local

Impulsionados por insatisfações vividas coletivamente, os movimentos populares implodem como luta organizada para minimização das privações sociais, já que a erradicação completa destas é difícil de acontecer. Isso porque não existe um modelo de justiça social prévio e sólido aos conflitos coletivos, de acordo com Bauman (2003). O autor acrescenta serem tais movimentos legitimados pela sociedade apenas, quando refletem privações que numa lógica de justiça social devem ser minimizadas. Ou seja, nem todo movimento social é legítimo, nem toda pauta reivindicatória faz sentido coletivamente.

Para influir no poder- a busca de todo movimento social na luta contra injustiças- os participantes devem organizar-se coletivamente, uma vez que de maneira individual não conseguirão sanar problemas sociais. Peruzzo (1998) fala em três níveis de maturação social, neste sentido, categorizando o grau de intensidade com que os participantes dos movimentos influem no poder político, econômico, social, cultural. São aqueles: participação nas decisões, nas execuções e nos resultados.

A de execuções acontece em contextos sociais desenvolvidos, em que as comunidades se autogerem ou estabelecem a cogestão com o Estado; a de execuções, a participação acontece de forma controlada, uma vez que a comunidade pode sugerir decisões, compartilhar opiniões, gerir de forma limitada alguns setores, sendo, contudo, submetidas à instância superior do Governo; já a participação nos resultados conserva um dos estágios mais ínfimos de atuação comunitária. Neste nível, as pessoas apenas cobram do Estado melhorias, mas não pode interferir além deste aspecto na relação com o poder.

Interessante realçar também que esses níveis de parceria com o poder político vêm sendo incitados, pelo menos nos discursos oficiais do Governo, desde a década de 90 do século passado no Brasil, quando da seleção econômica pelo Estado Mínimo. Nesta época, o capitalismo hegemônico atinge com mais força o país, que propaga os princípios do mercado em detrimento dos do Estado, de privatização em lugar do público. Para se ausentar das suas funções de regulador e protetor social, no entanto, o Estado teve que adotar uma perspectiva de fortalecimento local. Por isso, as políticas públicas voltaram-se ao discurso de que as comunidades deveriam tomar forma de organizações para participar dos projetos governamentais que propagavam destinar recursos em benefícios a grupos carentes da população organizados. Estes deveriam organizar-se politicamente e socialmente, elaborar projetos para, enfim, contar com o apoio dos recursos governamentais. É sabido, contudo, que empoderamento social não se faz por decreto, é uma construção educativa, dialógica e cidadã; por isso, tais políticas públicas em muitos casos não se convertem em desenvolvimento local.

Por este conceito empreendemos os esforços endógenos e exógenos de determinada comunidade, visando dinamizar suas potencialidades, bem como favorecer uma melhor qualidade de vida à população local, a partir da articulação entre seu contexto e outras organizações governamentais ou não, públicas ou privadas.

Assim, se trata de um esforço localizado e concertado, isto é, são lideranças, instituições, empresas e habitantes de um determinado lugar que se articulam com vistas a encontrar atividades que favoreçam mudanças nas condições de produção e comercialização de bens e serviços de forma a proporcionar melhores condições de vida aos cidadãos e cidadãs, partindo da valorização e ativação das potencialidades e efetivos recursos locais (JESUS, 2009, p. 72).

Nesta conceituação de desenvolvimento local também se pontua a conciliação entre o desenvolvimento social, econômico e político e a preservação do equilíbrio ambiental, numa perspectiva de satisfação das necessidades humanas do presente sem que haja escassez de alternativas de suprimento destas mesmas necessidades pelas gerações futuras.

Isso porque os princípios de organização comunitária que buscam potencializar o local levam em conta igualdade, autonomia, solidariedade, participação, articulação. De acordo com Peruzzo (1998), quanto mais esses princípios são postos em prática, maior a maturação social da

organização popular e as chances de sucesso na democratização social, numa perspectiva de desenvolvimento local.

Cônego hildon bandeira: um ativista folk em busca do desenvolvimento local

Um baiano nascido em 1913 na cidade de Candeias que no decorrer da vida optou por ser mais que um religioso, atuando como um agente educador e transformador da sociedade na luta contra as privações sociais sofridas pelos mais carentes. Formou-se em Filosofia pelo Seminário Maior de Aracajú e estudou Teologia em João Pessoa-PB, onde atuou como vigário da Paróquia Santa Júlia, situada no bairro da Torre, e em algumas outras igrejas do entorno e de outras cidades do Estado.

Por ser um dos religiosos a ministrar missas nas igrejas católicas do bairro da Torre, Hildon Bandeira conheceu de perto a situação em que se encontrava a população ribeirinha que ocupou terras desabrigadas pertencentes ao Instituto de Previdência do Estado da Paraíba, no mesmo bairro. Eram cerca de 20 pessoas advindas de áreas de risco da Barreira do Cabo Branco que se alojaram em 1970 às margens do Rio Jaguaribe, próximo a uma das principais avenidas da Capital, a Beira Rio.

O Cônego Hildon Bandeira aproximou-se dessa população, quando em época de chuvas havia os alagamentos nas casas dos ribeirinhos. Sensibilizado com a situação destes, o religioso os abrigava nas paróquias onde atuava e mobilizava os paroquianos a doarem roupas, colchões, alimentos e outros utensílios para àquelas pessoas. Foi assim que o religioso começou a construir sentimento de pertencimento com o grupo de moradores, com o qual criou relações de amizade.

Percebendo que o espaço onde moravam os ribeirinhos não possuía qualquer infraestrutura nem condições básicas de vida, o religioso utilizou-se de seu prestígio enquanto tal e resolveu promover a articulação de forças exógenas à comunidade, como imprensa, universidade, poder público, mecenas, paroquianos, e endógenas, através da educação cidadã e solidária, na busca por aquele conceito de desenvolvimento local afirmado acima.

Assim, dos anos 1970 a 1984, o Cônego organizou e animou um mutirão social que fez da Comunidade Padre Hildon Bandeira um lugar melhor de habitar. De acordo com a entrevistada

1, que é serva do Senhor e de Maria na Igreja Nossa Senhora da Boa Esperança, como a própria se intitula, o religioso se encarregou de fundar a comunidade homônima e as ladeadas a esta.

Ele fez muito pela comunidade. Ele se doou de corpo e alma, ajudou muito os pobres, doou casas, doou empregos, abriu ambulatório, ajudou as senhoras, deu quadra de futebol. Ele fez muitas obras. Ele pegava dinheiro com doações, com a ajuda do pessoal que ele conhecia e abriu muitas portas, principalmente, para o pessoal carente. Onde é a igreja hoje, antes era o ambulatório. Abriu a escola. Tudo Padre Hildon fez. Tudo começou por ele (Entrevistada 1).

Para tanto, o religioso, enquanto estrategista que se destaca no seu grupo de referência, conforme o conceito de ativista-folk, articulou as forças de atuação em quatro eixos principais: saúde, educação, habitação e geração de renda. Empreender como operou o agente folkcomunicação fomentando a organização social numa luta pela interferência no poder e contra privações sociais foi o cerne do trabalho.

Como o cônego atuou enquanto mediador do global e do local?

Com a sua influência e conhecimento, o religioso buscou o apoio da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) para conseguir auxílio na assistência social prestada à área. Estudantes de Medicina, Odontologia, Farmácia, Serviço Social, Enfermagem foram direcionados ao agrupamento habitacional que se formava até então sem alguma organização.

Os universitários verificaram que o alto índice de verminose no local, por exemplo, se dava pelas más condições de higiene com relação à manipulação da alimentação, falta de serviço sanitário e, por conseguinte, desenvolveram projetos para melhorar esta realidade.

O mutirão social organizado pelo Cônego Hildon Bandeira construiu o ambulatório médico para prestar serviços como aplicações de vacinas, odontologia, análises clínicas; bem como a Escola e a Creche Nossa Senhora da Esperança e a quadra de esportes.

Percebendo as mudanças causadas pelos projetos de políticas públicas prestados inicialmente no âmbito da saúde e da educação, o religioso buscou estendê-las à habitação e geração de renda. Falaremos de cada obra realizada pelo padre nos próximos tópicos.

1. Saúde

Percebendo que os problemas de saúde eram os mais graves enfrentados pela população, Padre Hildon Bandeira criou o Centro Nacional Nossa Senhora da Esperança e o Ambulatório Bom Samaritano.

Neles, estudantes de Medicina do quarto e do quinto ano da UFPB atendiam os moradores locais; o que era proveitoso para ambos os lados, uma vez que os futuros profissionais de saúde ganhavam experiência e a população, assistência social.

Um serviço odontológico móvel também foi implantado, além do Laboratório de Análises Clínicas preparado voluntariamente pela bioquímica, doutora Dinalva Macena. O laboratório realizava exames de rotina, como parasitológico, hemograma, sumário, e dosagens de glicemia, colesterol, creatinina, dentre outras.

Para conseguir manter esta estrutura, Padre Hildon Bandeira buscou apoio e convênios junto a UFPB, ao Estado e a mecenas sensibilizados com a carência da comunidade. Assim, conseguiu medicamentos, recursos financeiros, ferramentas de trabalho para equipar o Centro, o Ambulatório e o Laboratório.

2. Educação

Baixar a taxa de analfabetismo nas comunidades da Esperança (São Rafael, Brasília de Palha e Padre Hildon Bandeira) e promover o gosto pelo saber também foram metas estabelecidas pelo religioso.

Ele conseguiu verbas através de doações para construir a Escola Nossa Senhora da Esperança. Percebendo a necessidade de oferecer oportunidade às mães de crianças pequenas trabalharem, o padre também fundou a creche Nossa Senhora da Esperança dentro da escola homônima, foi o que nos relatou a atual coordenadora da creche, Sônia Maria dos Santos.

Para tanto, assinou um convênio com Fundação Legião Brasileira de Assistência (FLBA), e manteve 80 crianças de dois a seis anos em tempo integral na creche.

3. Habitação e Geração de Renda

Buscando melhorar as estruturas das casas ribeirinhas, que eram feitas de palha e/ou barro; Padre Hildon Bandeira articulou poderes públicos, imprensa, 1º Grupamento de

Engenharia em prol desta mesma causa. Ele ainda assinou um convênio com a Escola de Serviço Social, através da UFPB, e fez das comunidades da Esperança campo de estágio de serviço social.

Houve uma integração: o 1º Grupamento de Engenharia colocou soldados à disposição, foram feitas doações em cimento e outros materiais e o Serviço Social organizou o Grupo de Ação Comunitária. Começou então o mutirão para a fabricação de tijolos (blocos de cimento), iniciando-se as primeiras casas. A fábrica de cimento Zebu, na pessoa do seu dirigente, Sr. Jesuíno, participou com doações (FRAGOSO, 2001, p. 80)

Além de melhorar a estrutura das habitações, Padre Hildon também buscou parceria com o governador do Estado à época, João Agripino, para fazer perfurações de poços artesianos, lavanderias, reservatórios de água e banheiros. Estas eram necessidade de primeiro grau, uma vez que a única fonte de água existente no local era o Rio Jaguaribe e uma das principais fontes de renda das famílias era a lavagem de roupas para fora.

Em épocas de fortes chuvas, o padre também abrigava nas paróquias Santa Júlia, Nossa Senhora da Esperança e São Judas Tadeu as famílias que tinham suas casas alagadas pela água do rio e doava-lhes vestimentas, colchões e alimentos.

A situação dos ribeirinhos, contudo, só foi melhorada substancialmente no tocante à habitação na década de 80, quando o governo de Wilson Braga resolveu relocar essas famílias na parte superior da comunidade Padre Hildon Bandeira, dirimindo a situação de alagamentos nas casas.

Um ano após a morte do Cônego, em 1985, a comunidade se organiza como Associação de Moradores, a fim de buscar influir no poder político, já que não havia mais o religioso para realizar essa ponte entre local e global. Dessa forma, inferimos que o Cônego deixou para os moradores da comunidade o legado do agir para a transformação. Ele através do próprio exemplo de agente folkcomunicacional, ativista político e social, não só colaborou para desenvolver fisicamente a comunidade, mas também para a formação de uma educação mais cidadã e participativa dos seus moradores.

Conclusão

No decorrer da pesquisa percebemos que o Cônego Hildon Bandeira através de sua ação articuladora entre instâncias global e local incitou significativa participação cidadã aos moradores da comunidade Padre Hildon Bandeira, no momento em que eles enfrentavam toda ordem de privação social.

De acordo com as categorias de participação popular selecionadas por Peruzzo (1998), verificamos que a comunidade ainda hoje não alcança o nível máximo de organização e maturação social, já que não atua nas decisões governamentais, embora colabore para sua construção, mesmo que forma tímida. Também percebemos que, desde o início, o Cônego procurou instituir um nível de participação popular mediano, apesar dos moradores não terem até então sido envolvidos em processos de empoderamento social.

Assim, desde o início, mais do que clamar por resultados junto ao poder público, a população local foi incentivada a construir junto com esse um projeto de desenvolvimento da localidade. Isso foi fundamental para a democratização econômica, política e, sobretudo, social da comunidade.

A promoção dessa articulação entre o contexto em análise e o poder público se deu em grande parte, como vimos na pesquisa, pelo trabalho desempenhado pelo folk-ativista Cônego Hildon Banderia, que, por sua formação intelectual -espiritual e posição social ocupada, bem como por sua sensibilidade, convicção de vida pessoal e conhecimento dos problemas vivenciado no entorno onde ministrava suas missas, conseguiu promover um projeto pioneiro e complexo de mobilização social a fim de gerar mais qualidade de vida, emancipação e democratização social.

Empreendemos que esta agitação social foi fundamental para configuração da organização e da qualidade de vida verificadas na comunidade atualmente, a qual abriga 680 famílias. Percebemos que a principal fonte de renda dos moradores é ainda a lavagem de roupa, cuja lavanderia foi reconstruída e aumentada, após a morte do Cônego. A comunidade também conta com dois postos de saúde, creche e escola, minicampo, mercadinhos, bares e outros pequenos comércios, lombada eletrônica em frente à avenida Beira Rio, que dá acesso a comunidade, escadarias para subir os morros; tudo conseguido nos últimos 15 anos pela Associação dos Moradores junto ao poder público.

É certo que os níveis de participação popular local ainda baseiam-se em princípios assistencialistas, de mobilização por resultados e de forma tímida por execução, já que, apesar dos dirigentes da associação estarem sempre em contato com o governo, elaborando projetos conjuntamente, eles não incitam a participação popular nas reuniões, pois não promovem uma perspectiva dialógica, mas impositiva.

Ainda assim, empreendemos que houve avanço na organização comunitária e participação popular com vistas ao desenvolvimento local, uma vez que os moradores empreendem que vêm melhorando a qualidade de vida num processo, apesar de lento e com pouco incentivo à participação, se comparado às transformações sociais ocorridas nos 14 anos iniciais, durante a atuação do Cônego na localidade, crescente.

Concluimos também que as funções desempenhadas pelo religioso e o seu reconhecimento na comunidade, que em homenagem tem seu nome, estão em conformidade com o que se empreende neste estudo como ativista folkcomunicação. O Cônego Hildon Bandeira era uma pessoa que se destacava no grupo de referência, colaborava para alimentação da rede cotidiana de comunicação deste grupo, promovia a interseção entre o global e o local, mantinha contato com esses dois contextos e, por isso, realizou tão bem a mediação para articulação entre ambos.

Inferimos também que por desempenhar seu papel de ativista da folkcomunicação num período de transição de configurações macro estruturais e micro verificadas na comunidade, o Cônego operou nos dois sentidos de agente da comunicação popular vistos neste estudo: o de Beltrão e o de Trigueiro. Isso porque o religioso exerceu tanto o papel de decodificador das mensagens vindas de fora da comunidade, trazendo e adaptando as novidades do que não era comum àquelas pessoas, haja vista que elas sofriam privações sociais de toda sorte, como o de mediador repensado por Trigueiro (2008), numa época em que tais família já estavam organizadas socialmente, possuíam melhor qualidade de vida e poder aquisitivo para ter em suas casas meios de comunicação social, podendo assim ter contato com o global de maneira autônoma.

De uma forma ou de outra, o Cônego exerceu o papel de protagonista da mudança numa dada rede de relação cotidiana. Através do poder da comunicação, Hildon Bandeira promoveu princípios cidadãos, de transformação social e desenvolvimento local no contexto analisado,

mesmo que este ainda não configure a sonhada maturação social de participação ativa na gestão de suas vidas. Supomos, inclusive, que a Associação de Moradores da Comunidade, formulada um ano após a morte do religioso, pode ter nascido da necessidade da população local influir no poder político a fim de melhorar sua qualidade de vida. Inferimos isto a partir da premissa de que como não havia mais o principal folk-ativista para promover a ponte entre local e global, restou aos sujeitos escolherem seus novos articuladores, estrategistas, animadores sociais. Esta talvez tenha sido a principal contribuição construída por Hildon Bandeira: o sentimento comunitário e de cidadania.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares da informação dos fatos e expressão de ideias**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. 266p.

FILHO, Boanerges Balbino Lopes (Org.). **A Folkcomunicação no limiar do século XXI**. Juiz de Fora: Editora: UFJF, 2008.

FRAGOSO, Antônio. **O religioso e o social em Hildon Bandeira**. 1 ed. João Pessoa: Unipê editora, 2001.

JESUS, Paulo de. Desenvolvimento local. In: CATANNI, A. D (org.). **Dicionário Internacional da Outra Economia**. São Paulo: Editora Almedina, 2009.

MELO, José Marques de. **Comunicação e Classes Subalternas**. São Paulo: Cortez Editora 1980.

PERUZZO, Círcia Maria Krohling. **Comunicação nos Movimentos Populares: A participação na construção da cidadania**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

TARSITANO, Paulo Rogério. "Um só caminho, duas direções". In MELO, José Marques de; TRIGUEIRO, Osvaldo Meira (Org.). **Luiz Beltrão: pioneiro das ciências da comunicação no Brasil**. João Pessoa-PB: Co-edição por Editora Universitária UFPB e Intercom, 2007.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **Folkcomunicação e Ativismo Midiático**. João Pessoa-PB, Editora Universitária da UFPB, 2008.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. Folk-Ativismo. In MELO, J.M.; FERNANDES, G.M (Org.). **Metamorfose da Folkcomunicação: antologia brasileira**. São Paulo- Editae Cultural, 2013.